

O PROCESSO

Dramaturgia Luiz Antonio Ribeiro

Livremente inspirado na obra homônina de Franz Kafka

PRÓLOGO

Todos os atores entram em cena, exceto Joseph K. Possuem um aspecto desbotado, como as personagens de Beckett. Usam, em geral, roupas em tonalidades próximas ao cinza. Ficam de frente para a plateia, como numa formação militar. Aos poucos, fundem-se com o fundo da cena. Entra K. Recebe apenas uma instrução: contar para a plateia, brevemente, quem é, o que já fez como ator, em que demais áreas artísticas atua, qual personagem fará em O Processo e qual a proposta do espetáculo.

DETENÇÃO

Quando perceberem que a introdução de K está no fim, dois atores, os que farão os dois fiscais de justiça, - vestido de formas similares e com movimentos curtos, breves e quase sincronizados -se aproximam e interromper uma de suas últimas frases.

- Por favor, escolha uma roupa mais adequada, se quiser, esta não está muito adequada para receber dois oficiais de justiça.
- Você está detido.
- Nós não temos autorização para lhe dizer nada.
- Acontece que um processo criminal está correndo com o seu nome à partir de agora.
- Bom, algum motivo deve haver, um juiz não nos mandaria aqui sem que houvesse extrema necessidade e urgência, o senhor não acha?
- Não se trata de um tribunal comum. Ele tem suas regras e funciona de maneira diferente. Pode-se dizer que é um tribunal de causas especiais.
- Escolha um casaco melhor. Este está muito gasto.

- Sua aparência é importante muito importante para tentar provar sua inocência.
- Se é que há inocência.
- Olha, ainda por cima temos espectadores! *(apontando o olhar para a plateia)*
- Não podemos lhe dizer mais do que isso.
- Somos apenas funcionários.
- Cumprimos apenas aquilo que nos é pedido.
- Ah, acho que o senhor me entende mal: é claro que o senhor está detido, mas isso não quer dizer que não deve trabalhar, muito menos deve ficar fora da sua vida habitual.
- Além do que, a partir de agora todos nós estaremos vigiando seus passos.
- Todos nós. *(teatralmente)*
- Olha, senhor K, exaltar-se não vai lhe ajudar em nada em sua defesa.
- Lembre-se que tudo que o senhor fizer à partir de agora será usado contra você.
- Por isso, muito cuidado em tudo que for falar.
- Ah, duvidar das ordens do tribunal pode ser visto com “insubordinação” e nós vamos ser obrigados a colocar isso nos autos.
- Nós só queremos ajuda-lo.

DONA DA PENSÃO

Entra a dona da pensão. Ela cumprimenta os dois oficiais de justiça, que saem. A dona da pensão fala à K.:

- O que aqueles homens queriam aqui?
- Mas o que eles queriam exatamente? *(não importa o que diga, deve-se mostrar surpresa, mesmo que ele não diga nada.)*
- É por isso todo seu nervosismo. Mas acho que assim não se pode resolver nada.
- O que você sabe desse processo? É criminal?
- Mas será que você fez alguma coisa?

- Tenta recapitular as últimas semanas, você tem saído? Algo com dinheiro, jogo, trabalho?
- Bom, de fato o senhor está detido, mas não como um ladrão. Como um ladrão é ruim, mas esse tipo de detenção...me parece mais abstrata...
- Você não lembra de nada nada?
- É que às vezes você chega tão tarde, tão silencioso. Pode ser algo preocupante. Não sei.
- Não, isso não pode acontecer de novo.
- Não gostaria de ter aqui alguém envolvido com essas coisas, inclusive já ouvi que o senhor conversa com a moça do quarto ao lado de madrugada.
- Sabe que ela trabalha de madrugada. Parece que fica esperando ela chegar.

PRIMEIRO INQUÉRITO

A luz da plateia se acende, deixando o público a mostra. Ao fundo, em um foco, uma moça com um avental lava um pano de prato dentro de um balde de madeira. K demora instantes para vê-la. Os dois conversam, nesta cena, apenas de longe, embora vão se aproximando aos poucos.

- Ah... Então você chegou.
- Venha, por favor.
- Isso, pode descer. Estamos te esperando.
- Este daqui, K, é o seu tribunal. Gostou?
- É bastante amplo, mas também um pouco fechado. Eu trabalho aqui de lavadeira.

Quando K começa a entrar para a plateia, o juiz se posta na boca da cena (ainda no escuro) e dois atores com placas se colocam de frente para a plateia, um de cada lado. Eles ostentam algumas placas. Conforme K vai passando, ambos os lados exibem uma placa de "aplausos". K é intensamente aplaudido. É a única vez que todos aplaudem, a partir daí somente um lado dará apoio a K.

- Haha! É que o senhor foi longamente aguardado, senhor K. Eu mesma esperei muito pelo senhor.
- É claro. Desde logo cedo seu nome foi muito falado. A gente, né?...fica curiosa.

A voz imponente do juiz chama K, assim que ele chega perto da lavadeira que claramente se insinuava para o réu.

JUIZ – O senhor está atrasado!

Quando K disser algo, mostrar a placa “risos”, somente para um lado da plateia, o outro permanece quieto, como diz a placa “silêncio”. Os sujeitos das placas fazem sinais um para o outro e riem.

JUIZ - Agora não precisamos mais inquirir o senhor, por conta do atraso, mas vamos fazer mesmo assim. No entanto, isto não deve se repetir. Aproxime-se!

A lavadeira desaparece e K se volta para o palco, sem, no entanto subir. O juiz procura o processo de K em alguns papéis.

JUIZ - O senhor por acaso é pintor de paredes?

Novamente a placa “risos” é exposta para apenas um lado. K observa e não importa sua reação, deve provocar um silêncio imediato na plateia, com a placa “silêncio”. O juiz parece perdido, sem saber exatamente o que perguntar.

JUIZ - Já que o senhor não é um pintor de paredes, apresente seu caso para todos nós. Você tem o tempo que precisar.

Aguardar algumas frases de K e fazer com que o juiz e os rapazes das placas se olhem e façam algum sinal que não sabemos qual é. Alternam-se os momentos em que a plateia irá rir ou fazer silêncio. Algum ator infiltrado pode dizer “bravo, bravíssimo”. Colocar uma placa “vaias”. Se K for vaiado, fazer com que o juiz interrompa.

JUIZ - É, senhor K! O senhor não está causando boa impressão! Não tem mais nada a dizer?

Logo depois, ao fundo, pode-se ver a lavadeira agarrando-se com um K, fazendo muito barulho. Ouve-se alguns momentos de confusão e algazarra. Todos no tribunal e na plateia se mexem estranhamente. O palco apaga. A moça grita coisas como “Ó, senhor K...”, enquanto que o rapaz emite alguns gemidos, como os cães.

Estes momentos de distração servem para que se monte a cena do espancador. Quando a luz do palco volta, os espancados já estão iluminados, K se aproxima e só então chega o espancador.

O ESPANCADOR

K. retorna da plateia para o palco quando escuta, ao fundo, alguns gemidos. Faz-se um silêncio por instantes, mas depois o gemido retorna. Aos poucos, no breu, iluminam-se três pessoas: duas delas ajoelhadas sobre cadeiras, enquanto outra segura, logo atrás um grande chicote. Tratam-se dos guardas que K havia denunciado no primeiro inquérito.

ESPANCADOR - Ah... Então ele veio para assistir! Hahahahaha!

- Senhor, devemos ser espancados porque o senhor nos denunciou.

- Sim, tudo que você disse foi ouvido por todos e chegaram aos nossos chefes.

- Por que o senhor fez isso?

- Não poderia ter sido um pouco mais humano?

- Se você soubesse quanto ganhamos por mês, você entenderia. Nós temos família para sustentar e ele aqui, pretendia se casar.

K .deve fazer mais algumas perguntas aos guardas, até que o espancador interrompe.

ESPANCADOR - Não se deixe comover por esses discursos. A punição é justa e inevitável.

- Eu não falei...eu não falei?! Ele sequer sabia que a gente ia ser espancado.

- Nada disso, eu não acredito. Só estamos aqui porque ele nos denunciou. Não é verdade?

- Fica fazendo fama de bom moço, mas ouvimos ele reclamando de tudo e todos logo pela manhã.

- Agora está tudo perdido, nossa carreira terminada, vamos ser menores que os menores guardas. Além disso, vamos levar essas chicotadas.

ESPANCADOR - Olhe para mim, senhor K! Você acha que devo ter piedade deles? Acha que devo interromper o castigo?

ESPANCADOR - Caro, K! Não se deve acreditar no que dizem! Eles estão já com medo por causa das chicotadas. Essa punição deve ficar marcada na carne, na pele dele, para eles nunca mais se aproveitarem da lei. Além do mais, como pode um guarda ficar desse jeito? Olha como são fracos, desleixados! Sabe por que isso? Porque se tornam moles, mimados...

- Você...que parece arrependido, não poderia oferecer algo para que ele nos libere?

ESPANCADOR - Ora, ora, oferecendo suborno?

ESPANCADOR - Jamais poderia aceitar, senhor K! Sei que o senhor ficou tentado, mas não poderia! Além do mais, depois você também me denunciaria.

ESPANCADOR - Não tenho nada a dizer: fui pago para espancar, e spanco. (começa a bater)

- (gritando de dor) Por favor, K! Por favor!

- Se o senhor não consegue nos liberar, procure uma maneira, avise alguém, por favor!

ESPANCADOR - Não espero mais. Quer assistir?

Se K resolver se retirar, a tia entra.

TIA

- K, eu não estou aqui para brincadeiras. Quero ouvir tudo que já ouvi vindo da sua boca...

- Não adianta olhar assim, eu quero que você diga se o que eu ouvi é verdade.

- K, meu filho, você nunca foi de mentir.

- O que você sabe do tal processo?

- Sua prima, ela mesma, aquela que você nunca procura, mandou uma carta me avisando tudo. Quer que eu leia um trecho?

- “Não vejo Josef faz muito. Tentei encontra-lo, mas ele estava tão ocupado que não me deixaram entrar. Esperei por quase uma hora, mas tive que ir pra casa. No dia do meu aniversário, ele mandou uma caixa de chocolate, foi gentil e atencioso, mas sequer me ligou. Tudo bem, ele deve estar realmente ocupado. Perguntei ao guarda, isso no banco, se Josef demoraria muito. Ele disse que sim, que esses processos criminais tomam muito tempo. Perguntei que processo e ele disse se tratar de um processo “grave”. Entretanto, talvez fosse bom se você quisesse ajudar no assunto, para você seria mais fácil ficar conhecendo os pormenores e, então, tentar ajuda-lo. Você é um homem influente.”

- O que acha disso? Quer se explicar? (Se ele falar do processo, fale da prima, se ele falar da prima, fale do processo)

- Ora, de qualquer forma, não é modos de tratar sua prima. É uma boa menina.

- Como que isso foi acontecer, Josef? Se você não quer se defender por você, pense na família, pense no nome de todos nós.

- Eu tenho orgulho de todos nós.

- Como você pode dizer isso? (para qualquer coisa que ele diga, o TIA deve se sentir “afetivamente ofendido”) Logo você, que tinha uma visão tão correta e agora...Quer perder o processo?

- Discordo. Não posso discordar mais! Acho que para você “ter um processo significa perder um processo”.

- Vamos, vou leva-lo a um advogado.

ADVOGADO

Viram-se na direção oposta e saem, como se fossem até ao Advogado. O interessante desta cena é que nela quase toda composta sem K que é pouco solicitado. Leni deve flertar com K.

TIA - (falando, enquanto andam) Você vai precisar contar tudo a ele, sem esconder nada.

São interrompidos por Leni, a enfermeira de Huld, o advogado.

LENI - O senhor advogado está doente.

TIA - Como?

LENI - O senhor advogado está doente.

TIA - (irritado) Doente? Como doente? Ele está doente ou mandou dizer que está doente? Venha, Josef! (passam pela moça)

LENI - O senhor advogado está doente,.

TIA - (levemente preocupada) Doente? É o que? Alguma coisa no coração?

LENI - Acredito que sim.

ADVOGADO (ainda sem aparecer) - Leni, quem é que está chegando?

Aproximam-se do advogado que está deitado numa cama no fundo da cena. Parece imponente, apesar da debilidade. O foco deve se desviar totalmente de K que fica vendido em cena.

TIA - As coisas estão tão mal assim? Não posso acreditar.

ADVOGADO - As coisas estão tão mal assim, pode acreditar.

TIA - Daqui a pouco passa! Como sempre!

ADVOGADO - É possível. Mas está pior do que nunca. Eu agora respiro com dificuldade, não consigo dormir e vou perdendo força todo dia.

TIA - Ah bom. Mas você tem recebido o tratamento certo?

ADVOGADO - Sim, Leni cuida bem de mim, não é Leni? (Leni faz algumas carícias no advogado.) Quando mais doente, mais sossego eu preciso, não é?

Leni cochicha algo no ouvido do advogado. Os dois riem. A cena deve ser feita para que K fique ainda mais deslocado, meio sem lugar e espaço para falar.

TIA - Leni, você poderia nos deixar? Precisamos conversar sobre um assunto pessoal.

LENI - (com cara de aborrecida, como uma criança, quase gritando) O senhor não está vendo? Ele está doente e não pode falar sobre assunto algum.

ADVOGADO - Pode falar na frente dela, ela pode ouvir tudo.

TIA - É que não se trata de coisa minha, mas do meu sobrinho. Ele veio comigo. Fale com o advogado! (empurrando K para frente)

ADVOGADO - (antes que K possa falar alguma coisa) Josef K.! Tenho ouvido falar muito de você nos últimos dias! Sim, de você e de seu processo. Ele tem corrido muito pelos tribunais em diversas instâncias, mas assumo que não tenho muito contato com muitas delas, só com as mais inferiores.

TIA - (se K. não disser nada, a tia prossegue) Oh, mas com certeza você pode fazer algo.

ADVOGADO - Então, já que esse é um encontro de negócios, vamos a eles: Já estou sabendo do processo. Eu quero muito poder ajudá-los nesse caso, apesar da minha saúde. Acho que não poderei fazer muita coisa, por se tratar de um caso difícil, mas não vou deixar de tentar. Se eu não for suficiente podemos recorrer a outro advogado, e a outro e mais outro e assim sucessivamente. Mas a causa realmente me interessa! O que me diz, K?

ADVOGADO - Como está bom assim? O senhor quer ter mais de um advogado? Saiba que apesar de minha saúde, ainda posso trabalhar perfeitamente.

TIA - É o que eu sempre digo, Albert, esses jovens estão cada vez mais desatentos. Parece, às vezes, que K. não quer ganhar o processo...

ADVOGADO - Como pode! Como pode! Você sabia, senhor K, que a justiça pode te esmagar como...como uma barata?

TIA - Desculpe-se com o advogado, K! Você ainda precisa aprender muito, rapaz.

Neste momento, Leni reaparece e chama K para a boca de cena. Ela deve fazer o máximo de ruído possível para atrair a atenção de K. Caso ele não se interesse, Leni deve chamá-lo.

LENI

- Não aconteceu nada, eu só queria chamar você pra cá mesmo.

- Eu até estranhei. Achei que você viria me ver sem eu ter que chamar. Quando chegou, não parava de me olhar, e depois...depois me fez esperar.

- O problema é esse: você não gostou nada, nem gosta agora, nem um pouco de mim.

- Sabe, eu queria falar com você, ficar mais perto de você. Eu conheço muitos juizes, eles vêm sempre aqui. Talvez eu até conheça o juiz do seu caso.

- Ah, mas você não deve se importar tanto com eles. Eles são todos iguais, vaidosos, insensatos.

- (colocando-se no ombro de K) É...mas eu também sou vaidosa e você também não gosta nem um pouco de mim, não é?

- Por favor, não tente me agradar. Já ouvi falar, pelos corredores aqui, que você é bom moço, mas também inflexível. Não adianta ser assim, K!

- Confesse, K! Confesse tudo! A única chance de tentar escapar é confessando! Todos os seus erros, todas as coisas, até as que não fez, confesse como...se estivesse realmente tentando ajudar.

- (ajeita a roupa, a saia, se aproxima de K, coloca os braços ao redor do seu pescoço) Você fica uma graça tentando se explicar.

- (sorrindo) O que? Aposto que você tem outra mulher, não tem?

- Me conta sua história com ela. Ou qualquer outra história sua com alguma mulher.

- É uma história bonita.

- Mas sabe de uma coisa? Aposto que você logo, logo vai largar ela por outra. (flertando) Quem sabe por mim?! Hahahhaha

- (roubando um beijo de K e saindo dando risadas) Pronto! Agora já te roubei dela. Posso contar uma história minha também?

(RETIRAR DE UM TRECHO DE CARTAS A MILENA ALGUMA HISTÓRIA)

É possível que nessa hora, K se aproxime para uma investida.

- Ela tem algum defeito físico?

- Eu tenho, olhe! (No livro, a personagem tem os dedos das mãos colados como peixes, podemos pensar em algum defeito ou procurar algum na atriz. Ela pode dizer que tem um defeito sem ter também, pouco importa)

- Por falar em defeito, deixa eu te mostrar uma cosa.

BLOCK

Block aproxima-se de Leni, abraçando-a, demonstrando que eles têm, mais intimidade do que K. poderia imaginar.

BLOCK - Ele vai me receber?

Leni se afasta com certa repulsa do comerciante, então ele desce e começa a se postar a seus pés, meio que desesperado.

BLOCK - Ele falou alguma coisa de mim? Sabe alguma coisa do meu caso?

LENI - (se dirigindo a K) O que você acha disso?

LENI - Sim, é um dos clientes do advogado. Chama-se Block, como dá pra ver, é uma pessoa lamentável.

BLOCK - Quem é esse? Um novo cliente?

LENI - Sim. Este é o senhor K.

BLOCK - Olá, senhor K! Já ouvi falar do seu processo também!

LENI - Vou levar a sopa do advogado, se não mais a noite ele não consegue dormir. Fiquem trocando figurinhas os dois. (Leni sai e, a partir daí, o comerciante já não parece tão retraído)

BLOCK - O senhor é cliente recente do advogado?

BLOCK - E como anda todo seu processo? Ouvi dizer que ele é bastante grave.

BLOCK - Ah, senhor K! O meu processo é bem antigo, sabe? Ele já corre há uns 5 anos. Desde que me casei, há uns 8, 10 anos. Eu tenho aqui anotado, se quiser saber, é difícil guardar tudo na memória.

Quando K. disser algo, Block, que olhava o caderninho, grita.

BLOCK - 15 ANOS JÁ! Está tudo anotado aqui!

- Mas..desde que o senhor entrou, eu sabia que você era um cliente.

BLOCK - Pelos lábios.

- Sim, nós acusados, aprendemos a reconhecer outros acusados pelo formato da boca.

- Olha assim, ó...isso...tá vendo? (traça alguma coisa na boca de K) Cara de acusado!

- Posso lhe contar uma coisa do meu caso?

- (falando baixando) Espero que o senhor não me traia.

- Por favor, é algo muito secreto.

- Que ninguém pode saber.

- Muito menos Leni ou o advogado.

- O senhor precisa me prometer contar um segredo também.

- Então, eu tenho outros advogados.

- Sim, além deste, contratei mais outros cinco. E estou procurando um sexto.

- É que eu apliquei tudo que eu tinha no processo, sabe? (CONTAR UMA HISTÓRIA DAS COLETADAS PELOS ATORES)

LENI - Como vocês estão bem, sentados juntos, conversando.

O comerciante volta a ficar acuado.

BLOCK - Sim, ele queria que eu contasse sobre o processo. E o advogado? Está melhor?

LENI - Ainda indisposto e não quer nada com você. Muito bem, mas agora vamos, K! O seu TIA e o advogado estão chamando. Depois você volta, ele vai ficar por aqui.

LENI - Sim, ele dorme aqui com frequência.

LENI - Claro! Não são todos que são recebidos na hora que querem, como você. Às vezes, Block espera até três dias, então eu deixo ele dormir por aqui, no quatinho de empregada, para estar sempre pronto. Pra você ver o que os amigos fazem por você.

Leni pega na mão de K e vão saindo. O TIA entra de um lado. Block grita de outro.

BLOCK - Hey, você me prometeu um segredo.

LENI - Um segredo?

TIA - Que história é essa, Josef?

BLOCK - Ele me prometeu um segredo para...que eu contasse minha história.

TIA - Vamos lá, K! Cumpra a promessa que você fez para o senhor.

Todos estão rodeando K, esperando que ele conte o segredo. K fica meio sem ter o que dizer e precisa, de uma hora pra outra inventar um segredo qualquer. Conta, as pessoas tecem breves comentários sobre ele como: "isso vai ficar mal para o seu caso", "isso pode ser acrescentado no seu processo." Aos poucos, todos saem.

O ESPANCADOR

K. retorna da plateia para o palco quando escuta, ao fundo, alguns gemidos. Faz-se um silêncio por instantes, mas depois o gemido retorna. Aos poucos, no breu, iluminam-se três pessoas: duas delas ajoelhadas sobre cadeiras, enquanto outra segura, logo atrás um grande chicote. Tratam-se dos guardas que K havia denunciado no primeiro inquérito.

ESPANCADOR - Ah... Então ele veio para assistir! Hahahahaha!

- Senhor, devemos ser espancados porque o senhor nos denunciou.

- Sim, tudo que você disse foi ouvido por todos e chegaram aos nossos chefes.

- Por que o senhor fez isso?

- Não poderia ter sido um pouco mais humano?

- Se você soubesse quanto ganhamos por mês, você entenderia. Nós temos família para sustentar e ele aqui, pretendia se casar.

K .deve fazer mais algumas perguntas aos guardas, até que o espancador interrompe.

ESPANCADOR - Não se deixe comover por esses discursos. A punição é justa e inevitável.

- Eu não falei...eu não falei?! Ele sequer sabia que a gente ia ser espancado.

- Nada disso, eu não acredito. Só estamos aqui porque ele nos denunciou. Não é verdade?

- Fica fazendo fama de bom moço, mas ouvimos ele reclamando de tudo e todos logo pela manhã.

- Agora está tudo perdido, nossa carreira terminada, vamos ser menores que os menores guardas. Além disso, vamos levar essas chicotadas.

ESPANCADOR - Olhe para mim, senhor K! Você acha que devo ter piedade deles? Acha que devo interromper o castigo?

ESPANCADOR - Caro, K! Não se deve acreditar no que dizem! Eles estão já com medo por causa das chicotadas. Essa punição deve ficar marcada na carne, na pele dele, para eles nunca mais se aproveitarem da lei. Além do mais, como pode um guarda ficar desse jeito? Olha como são fracos, desleixados! Sabe por que isso? Porque se tornam moles, mimados...

- Você...que parece arrependido, não poderia oferecer algo para que ele nos libere?

ESPANCADOR - Ora, ora, oferecendo suborno?

ESPANCADOR - Jamais poderia aceitar, senhor K! Sei que o senhor ficou tentado, mas não poderia! Além do mais, depois você também me denunciaria.

ESPANCADOR - Não tenho nada a dizer: fui pago para espancar, e espanco. (começa a bater)

- (gritando de dor) Por favor, K! Por favor!

- Se o senhor não consegue nos liberar, procure uma maneira, avise alguém, por favor!

ESPANCADOR - Não espero mais. Quer assistir?

CENA PINTOR

K. mal se dirige a um canto da cena e é interrompido por uma menina. Na verdade, são duas, atrapalhadas, que agem infantilmente como os acusados, e ficam analisando cada pedaço de K.: pegam em sua roupa, olhem seus bolsos, mexem em sua calça. K fica constrangido, mas de pronto elas começam a falar.

- Você conhecer o pintor?

- Veio falar com o pintor?

- O que o senhor quer dele?

- Hein? Hein? (continuando a atrapalhar K)

Neste momento, aparece o pintor, com uma espécie de camisolão.

- Oh, deixem o rapaz em paz, meninas! Venha, rapaz! Olá, sou o pintor Tintorelli.

- Ah sim, essas canalhinhas te atrapalharam! Elas não me dão sossego, senhor K. Um dia, eu pintei uma delas e desde então elas me perseguem. Quando eu estou em casa, elas não entram, mas basta eu sair que sempre tem alguma aqui. E às vezes até mais de uma! Você não chegou a conhecer todas, mas elas fizeram uma chave e revezam entre si.

- Tintorelli, podemos entrar?

- NÃO! (gritando)

- Só eu, eu também não?

- NÃO! JÁ DISSE! Bom, mas vamos tratar de nossos assuntos: o que o senhor quer? Um quadro?

- Ah, mas tem certeza que não é um quadro? Temos aqui vários, inclusive de juízes que pertencem ao tribunal!

- Eu tenho um particularmente que o senhor vai adorar: eu pinte a Justiça! Claro, tive que usar de modelo um juizinho inferior, mas está ficando perfeito: a balança, os olhos vendados e todo o equilíbrio que só os tribunais podem dar! O que o senhor tem achado da justiça?

- Ah sim, eles acusam, atrasam, atrapalham e são muito vaidosos. Já conheceu seu advogado?

- Advogados são bons, ajudam! Mas também atrapalham! Muitos advogados têm invejas dos juízes e muitos juízes gostam de se vingar dos advogados.

- Ah, por acaso, o senhor não quer tirar o casaco?

Se ele tirar o casaco:

- ELE TIROU O CASACO!

- Não pinte ele, senhor Titorelli. Este homem é tão feio!

- FIQUEM QUIETAS!

Se ele não tirou o casaco:

- Bom, mas vamos então ao seu caso. O senhor é inocente?

- Inocente de inocência completa?

- Por que vou explicar, senhor K: no tribunal só há três tipos de possibilidades. A primeira é absolvição plena. Se o senhor é inocente, deve querer ela, não?

- É...mas o problema é que nunca houve uma absolvição dessas. Na verdade, nunca ninguém ouviu falar de uma. Segundo dizem, sempre há algo que atrapalha o processo ou incrimina o sujeito. Você teria algo?

- Bom...então nesse caso, podemos tentar a segunda forma: a absolvição aparente.

- Entendo que o nome não é bom. Mas nesse caso, o que acontece é o seguinte: conseguimos apelar para os juízes mais baixos que te dão absolvição, mas ela não tem o valor da absolvição plena, uma vez que nem eles têm acesso ao seu processo completo. Assim, você fica livre dos julgamentos, mas a qualquer momento estará sendo vigiado e tudo pode recomeçar.

- Não acha bom?

- O senhor não entendeu como funciona ainda, senhor K: TUDO AQUI É O TRIBUNAL! Eu faço parte do tribunal, essas meninas são sustentadas pelo tribunal. Os acusados, como o senhor, são o tribunal. Existe um charme, um fetiche em volta de todas as vítimas, todos os acusados. É sobre vocês que fazem

arte, teatro, pintura, cinema, as vítimas, o tribunal só é parte deste processo. Ainda não havia se dado conta?

- Do meu lado, senhor K! Eu pinto os juízes para...poder viver. O senhor me perdoe a franqueza. Estar perto deles me mantém fazendo parte de algo. É nesse sentido que eu gostaria de ajuda-lo.

- Ah, eu já ia esquecendo. Existe a terceira forma de lidar com seu caso: é o processo arrastado. A diferença dele pra absolvição aparente é que seu processo continua correndo e é preciso um trabalho menor, mas constante para atrasar. São papéis, atas, burocracias que o senhor terá de enfrentar. O que lhe parece?

- Bom, é evidente que não precisa se decidir agora. É até bom que demore. Acho que o senhor deveria pensar bastante bem.

Alguns segundos de silêncio. Seria interessante o pintor contar alguma coisa, alguma história.

- Agora o senhor precisar ir, senhor K! Tenho trabalho a fazer.

- O senhor não prefere sair por aqui? Assim as meninas não mexem com você.

Acende-se uma luz e aparece um banco cheio de acusados.

- Ora, foi como eu disse ao senhor: tudo é o tribunal! Meu ateliê pertence ao tribunal. O senhor, inclusive.

- Não posso acompanhá-lo mais. Até mais!

Em um instante, todo o ambiente se ilumina. Começará o tribunal final.

TRIBUNAL FINAL

O ambiente é de tribunal. No meio, ao fundo, o juiz, mais ao lado o banco dos réus. De cada lado a mesa onde ficam o promotor e o advogado de defesa. K é trazido por um guarda e colocado no banco dos réus. Traz-se um livro de teatro onde ele jurará dizer a verdade.

(Se K resolver falar mais do que deve, o promotor deve interrompe-lo dizendo ao juiz:

- Caro, juiz, gostaria de pedir que o réu se limitasse a responder apenas sobre aquilo que foi perguntado.

O juiz deve concordar com ele: - Por favor, K, responda apenas às perguntas feitos pelo promotor, sem se ater em mais do que lhe for pedido.)

Juiz – Estamos aqui reunidos para a audiência de julgamento do senhor K. Com a palavra, o promotor.

Advogado – Senhor juiz, senhores membros do júri, caros senhores que nos assistem. Aqui temos o senhor K, detido e acusado de cometer uma falta grave. Este senhor até agora nega as acusações e tenta

provar sua inocência. Provarei que tal posição do réu é, além de improcedente, uma afronta a nossa lei, a nossa justiça e à verdade. Senhor K, o senhor se considera culpado?

- Não.

Advogado – Se o senhor não se considera culpado, pode-se dizer que o senhor se considera inocente?

- Sim.

Advogado – Ora ora, meus queridos colegas. É neste ponto que podemos ver a incongruência do argumento de nosso réu. Deixe-me expor minha posição. K, o senhor concorda que quando se faz uma pergunta, ao responder sim o senhor está concordando com o que foi dito anteriormente?

- Sim.

Advogado – A mesma coisa pode ser dita, do lado oposto: caso o senhor negue uma questão que lhe for perguntada, quer dizer que o senhor está discordando daquilo que foi dito?

- Sim.

Advogado – Então, podemos dizer que, se uma pessoa para concordar precisa dizer “sim” à questão e para discordar precisa dizer “não”, em geral, nenhuma pessoa pode negar e afirmar uma coisa ao mesmo tempo, uma vez que uma resposta não pode conter “sim” e “não”, ou seja, a afirmação e a negação da mesma coisa simultaneamente?

- Sim.

Advogado – Creio está claro, senhor juiz! Está provado, nobres membros do juri! Ao afirmar que é inocente, K não pode negar sua culpa e ao negar sua culpa, ele não pode afirmar sua inocência, sendo as duas instâncias completamente distintas! Desta forma, e apenas por isso, K não pode ser considerado, pelo menos no nível em que se encontra seu processo, culpado, entretanto igualmente não pode jamais ser considerado inocente. Por não poder provar sua inocência, por tudo manifestado anteriormente que julgo procedente o inquérito aberto.

Juiz – Mais alguma questão, senhor promotor?

Advogado – Não senhor. O réu está liberado.

Juiz – Senhor advogado de defesa, o senhor tem algo a dizer?

Advogado de defesa – Não, senhor juiz! O Sr. K me demitiu alguns momentos atrás e só estou aqui para cumprir com minha promessa, mas não represento mais ele.

Juiz – Assim sendo e tendo em vista a minuciosa exposição feita anteriormente pelo senhor promotor, julgo considerar K nem inocente nem culpado, mas inserido em uma zona indistinta entre as duas

instâncias, tornando seu processo necessário e, mais uma vez, precedente. Senhor K, o senhor tem agora 5 minutos para expor sua posição em relação ao que foi dito e, principalmente, sua experiência passada nas suas últimas horas em relação a tudo que lhe tem passado. O senhor pode tomar o palco como proceder. Por favor, que ninguém interrompa o réu.

CATEDRAL

Após o tribunal, toda a cena escurece, deixando uma luz apenas em K. Silêncio total por alguns segundos, o suficiente para não deixar o ambiente constrangedor. Acende-se uma luz na frente e K tem a opção de permanecer onde está ou se deslocar até a luz. Ouve-se um voz em off e exclusivamente em off. Trata-se do padre, o som do microfone deve ser como os das catedrais: um tanto quanto abafado pela má qualidade, mas também com um enorme eco que reverbera por todos os lugares. Poderia até haver um pequeno delay em uma das caixas. O ritmo da cena é lento, arrastado e cheio de buracos.

- Josef K!

(silêncio)

- Você é Josef K.!

(silêncio)

- Você é acusado.

(silêncio.)

- Mandei chama-lo aqui... Preciso falar com você. Você sabe que o seu processo vai mal?

- Como imagina que vai ser o final? (teatralmente)

- O meu medo é que termine mal, K. Consideram-no culpado, mesmo que não lhe digam diretamente. No momento, pelo menos, consideram provada sua culpa, pelo menos em níveis inferiores. Você não se defende.

- É assim que os culpados costumam falar, K. A sentença não vem de uma vez, é o processo que se converte, aos poucos, em veredicto.

- O que você vai fazer pela sua causa agora?

- SERÁ QUE VOCÊ NÃO ENXERGA DOS PASSOS ADIANTE? (gritando)

- Você ainda não entende como funcionam as coisas. Posso lhe contar uma história, K?

- Nos textos introdutórios à lei consta o seguinte, a respeito desse engano:

Diante da lei há um guarda. Um homem vem do interior pedindo para entrar na lei, mas o guarda não pode deixá-lo entrar. Ele pergunta se pode manter a esperança de entrar, talvez, mais tarde. “É possível”, diz o guarda.

O homem tenta olhar para a entrada, aprendeu que a lei foi feita para todos. “Não tente entrar sem minha permissão”, diz o guarda. “Sou muito poderoso, apesar de ser o menor dos guardas. A cada sala e porta, cada guarda é mais poderoso que o anterior”. Com a permissão dada, o homem senta ao lado da porta e espera.

Ele espera durante anos. Ele espera, não importando as oscilações do tempo, da temperatura e das estações do ano. Com o passar do tempo, ele vende tudo o que tem na esperança de subornar o guarda. Este sempre aceita o que o homem lhe dá para que ele não sinta que tentou tudo que era possível.

Fazendo vigília, na porta da lei, durante esses anos, o homem conhece até as pulgas do colarinho do guarda. Com a idade, o homem vai perdendo a sanidade e chega a pedir às pulgas que convençam o guarda a deixá-lo entrar. Sua visão é curta, mas na escuridão ele percebe o brilho imortal na porta da lei.

Agora, antes de morrer, toda sua pergunta se concentra em uma pergunta que nunca fez. Ele chama o guarda que diz rispidamente: “Você é insaciável, o que quer agora?” O homem diz que todos lutam para estar na lei e gostaria de saber por que, em todos aqueles anos, ninguém pediu para entrar ali.

Sua audição já não é boa e o guarda grita em seu ouvido: “Só você poderia entrar aqui. Ninguém além de você poderia entrar. Esta porta foi feita apenas para você. Agora, eu a fecharei.”

COMO UM CÃO

Ao final da cena do tribunal, o que se percebe é que os atores deixaram seus objetos de cena e figurino e foram, aos poucos, abandonando seus personagens. À partir da fala de K, todos devem falar com ele não mais na terminologia utilizada na peça, mas agora de forma coloquial, comum, cotidiana. Isto, até a entrada dos oficiais finais.

- Terminou?

- Mais alguma coisa?

- Beleza.

Todos os atores saem de cena, enquanto que outros dois entram sem falar nada e seguram K pelos braços. A cena é, assim como a da Catedral, lenta e arrastada e pode demorar um longo tempo, dependendo do ritmo geral. Eles quase não falam palavras, apenas sussurram, e praticamente ignoram tudo que K pode vir a dizer. A descrição exata do livro é:

Eles se engancharam em K de um modo como ele nunca havia andado com um outro ser humano. Eles mantinham os ombros ajustados atrás dos seus, não dobravam os braços, mas os usavam para enlaçar os braços de K com uma pressão escolada, adestrada e irresistível.

Apesar da força, parecem inseguros, como atores de teatro iniciantes. Param diante de uma cadeira, sentam K, pegam uma corda. Ficam oscilantes, mas falam baixo.

- Por favor.

- Não, faça você.

- Você primeiro, que isso.

- Eu não teria a coragem de tirar isso de você.

- (para K.) O senhor poderia se amarrar nesta cadeira?

- Nós oferecemos ajuda.

- Não queremos de modo algum ficar parados.

Amarram K. Retiram de um casaco uma faca que ficam passando de mão em mão. K permanece amarrado.

- Por favor, faça você!

- Não, que isso. Será uma honra deixar pra você.

- Nada disso, vejo que você está com imensa vontade.

- De modo algum faria isso, você é mais velho, tem toda prioridade.

- Pelo contrário, estou formando os mais jovens.

Nenhum dos dois pretende matar K. Decidem desamarra-lo e prende-lo assim como os acusados e os assistentes. Saem e voltam com o torturador. Este entrega um papel nas mãos de K. Os três se postam lado a lado, como numa fileira militar. Um segura a faca e o torturador segura uma arma. O outro entrega para K um papel.

- Leia.

- Leia mais alto.

- Leia para todos ouvirmos.

- Não se faça de tímido, diga mais alto.

- Como um cão!

O torturador atira, o guarda deixa a faca cair ao chão. Barulho de tiro e metal.

Escuridão.

FIM